



Com tenacidade e dedicação, programa acompanha o dia a dia de vítimas traumatizadas com o passado

# Mérito: *intenso* esforço pelo recomeço

Evandro Vaz

A cidade de Campo Grande há muito apresenta marcas de grandes metrópoles com trânsito embaraçoso, rotinas frenéticas e mudanças bruscas no clima, tudo num ambiente que ainda lembra e muito uma cidade com cheiro de interior. Mas, por trás desta realidade corriqueira tida como normal, um submundo desconhecido pela sociedade se move sorrateiramente e nele pessoas são objetos, servem apenas para satisfação do prazer a qualquer custo. Seus gritos de socorro não fazem barulho. São as vítimas do abuso e da violência sexual.

O Projeto Nova é uma entidade dedicada ao atendimento dessas vítimas, em sua maioria mulheres e crianças. Com suas atividades iniciadas em maio de 2011, tem atualmente 30 famílias cadastradas. Após parceria firmada com o curso de Psicologia da UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, é hoje um campo de estágio curricular obrigatório. Segundo Renan Júnior, coordenador do curso, o estágio específico para os alunos de nono e décimo semestres proporciona aos mesmos o exercício de uma prática responsável nas intervenções e avaliações nos atendimentos.

Na casa sede do projeto são oferecidas regularmente atividades como arte terapia, reuniões, cursos, triagem social, atendimento psicológico e encaminhamento jurídico. Assim, visa proporcionar o restabelecimento da dignidade humana e novas oportunidades de geração de renda. A coordenadora do projeto, Viviane Vaz, afirma que, “os sobreviventes da exploração sexual sofrem uma amputação de perspectivas

sociais comuns à maioria das pessoas”, já que a violência traz graves consequências emocionais, quadro depressivo, bloqueio de aprendizagem e desejo de morte. Um fenômeno grave é observado nos tratamentos, a tendência da violência sofrida quando criança ser transmitida por meio de atitudes desta, quando adulta, aos seus filhos. Viviane acrescenta que “a terapia visa acolher, e mostrar aos assistidos que dentro dos mesmos existe o poder para se levantar e vencer as próprias tragédias. As principais mudanças notadas são o desenvolvimento de novas habilidades, metas e como alcançar seus sonhos pessoais, familiares e profissionais”.

Conforme a professora e psicóloga Mirian Exel, o projeto é “pioneiro, sendo a base na implantação de uma rede psicossocial em psicologia” com profissionais de múltiplas áreas, assim fixando o projeto como referência em ações de intervenção e proteção. O objetivo é fornecer apoio e tratamento para uma população vulnerável, e através de parcerias firmadas, ser eficaz no seu poder de sarar essas duras mazelas. O contato com o projeto deu-se através de uma acadêmica que procurou orientação, já atuando como voluntária. A professora ao conhecer o trabalho, também se voluntariou. Ela disse, “a minha atuação como voluntária evoluiu para viabilizarmos junto à coordenação a atividade extracurricular”, e hoje são sete acadêmicos, sendo que alguns pretendem continuar depois de formados como voluntários. É o caso de Anne Vanessa, que enquanto acadêmica apresentou o projeto à professora Mirian. Hoje a psicóloga segue como profissional voluntária e relata, “o trabalho traz esperança, nos ensina amar e ter zelo pela vida das pessoas; tenho ajudado famílias que estão sem nenhuma expectativa de vida, a ter uma. É gratificante para nós profissionais”.

Ainda segundo a professora, não há



Foto: Evandro Vaz

**Renovação** - Crianças recuperam a infância por meio do afeto dos voluntários

relato de projeto nesses moldes em funcionamento no Brasil, afirma que a experiência para o acadêmico proporciona “uma vivência que extrapola a formação clínica tradicional, numa realidade de rede psico social. O exercício do olhar clínico, ajustado para essa realidade, é um aprendizado, uma vez que não existem escritos a respeito da dinâmica de atendimentos”.

Carol Flores, acadêmica do décimo semestre de psicologia da UCDB, coloca que a área da Psicologia Social está sendo aprimorada nos últimos anos, “acho importante como futura profissional, focar meu trabalho em públicos que geralmente não são um alvo comum. Penso que todo ser humano deveria ter o privilégio de se reconhecer e ter trocas profundas com o meio que o cerca”.

O atendimento psicológico possibilita identificar e investigar os impactos da violência e do abuso sexual a curtos e longos prazos, bem como seus desdobramentos mais conhecidos. São eles: a ansiedade e a depressão, transtornos pós-traumáticos, atitudes regressivas, autopenição, vingança, tentativa de suicídio, dificuldade nos relacionamentos, prostituição e promiscui-

dade, além do uso de entorpecentes.

Tudo acontece numa rotina semanal de triagem e atendimentos. Foi recentemente desenvolvido um regimento interno, em conjunto com a coordenação de estágio, a direção do projeto e profissionais voluntários; de maneira a dar suporte às famílias assistidas dentro de suas peculiaridades.

O engajamento de voluntários é uma marca do projeto, Flávia Fernandes se dedica integralmente às atividades. Ela relata, “fiquei sabendo do projeto através da divulgação na igreja, e também de amigas voluntárias após minha experiência em um projeto na cracolândia - São Paulo”. Primeiramente hesitou, “não queria ajudar a princípio, resisti um tempo, mas quando fui ajudar logo me apaixonei”. Para ela, “aprendemos que o ser humano machuca, mas têm muitos querendo ajudar a levantar quem está caído. Pessoas capazes de doar seu tempo, disposição e também coisas materiais”. Acrescentou que aprendeu ver a importância da psicologia, e seu papel fundamental no tratamento das raízes dessas feridas nas vítimas. Informações 9974-8271 e no site [www.projetonova.com](http://www.projetonova.com).



Foto: Evandro Vaz

**Realidade** - Marcados pelo sofrimento, vítimas superam a dor da violência





## Jornalismo humanizado

Mais uma vez os acadêmicos do curso de comunicação social saíram as ruas para exercitar o jornalismo. Nessa edição, você leitor, poderá encontrar pautas variadas, desde publicidade feminina à saúde e proteção da mulher.

As editorias disponíveis aos acadêmicos foram apresentadas em sala de aula, e cada um pôde optar naquilo que mais se identifica.

O mais importante nessa disciplina é que a cada vivência, nós, futuros jornalistas sofremos as dificuldades próprias da profissão. Fontes que desmarcam um dia antes da entrevista, distância do local marcado, o clima, que muitas vezes atrapalha devido a sua instabilidade, e acredite, até mesmo uma lua de mel, impossibilitando a conversa com a entrevistada.

Mas superior a esses sentimentos que, na maioria das vezes, causam pânico próximo à entrega final da matéria, a experiência de sair da sala de aula em busca da notícia nos dá um aprendizado grandioso, nos ensina as dificuldades da rua, e nos proporciona um impulso a seguir nessa carreira tão doce, e ao mesmo tempo desafiadora.

Agora, nós gostaríamos que você acompanhasse parte dessa loucura com a gente. E desculpe aí qualquer erro, é que ainda estamos na academia.

## Sexualidade

A luta diária pelo uso do nome de escolha e a falta de compreensão da sociedade

# Transsexual e o nome social

Matheus Rondon

Você sabe o que é viver sendo chamado por um nome que não é seu? E ter que atender a esse chamado relutando com suas formas para que não seja diminuído a um nome que não tem nada a ver com o seu eu interior? É isso que pessoas transsexuais passam diariamente.

Mas antes de aprofundar no assunto, preciso explicar a você, leitor, que identidade de gênero é como nos enxergamos, homem ou mulher. Orientação sexual é a indicação por qual destes gêneros você sente atração. É como uma pessoa se identifica, que pode ou não ter relação com o gênero do nascimento dela. Pessoas transsexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais.

Nome social é o pertencimento da pessoa transgênera, travesti ou transexual. Não é um apelido, eles nascem de um gênero determinado e se reconhecem como gênero oposto, precisando adequar o nome de pertencimento. O nome social surgiu no Brasil na década de 60 e 70, onde se discutia muito a questão das travestis e prostituição. Nessa época o nome social servia como nome de trabalho, para deixar o homem mais feminino. Com o passar do tempo essas pessoas passaram a usar o nome o tempo todo, como cidadãs.

Utilizar o nome social é alívio para as pessoas que psicologicamente sempre se sentiram homem ou mulher, ou seja, é mais do que uma questão de pertencimento. O indivíduo se reconhece com o nome social no trabalho, nos meios de educação, saúde, e em um contexto todo o nome social exerce cidadania em cada indivíduo.

Aqui no Estado, o direito ao uso do nome social foi reconhecido pelo decreto 13.684/2013, e depois foi estabelecida a emissão da certeira com nome social vinculado aos números de RG e CPF. Travestis e transsexuais do estado tem este direito para preencher documentos para atendimentos por órgãos da administração pública.



Superação - Relatos de quem assume o nome compatível com sua orientação sexual

Para produzir essa matéria, conversei com duas pessoas que utilizam o nome social. Brandon Borislav Kaana-de tem 23 anos, é homem trans e formado em filosofia. Ele conta que na época da faculdade ele chegou a pensar que as pessoas fossem mais esclarecidas e tolerantes, porém ao chegar no curso se deparou com muita hipocrisia e preconceito, mas isso não foi motivo para ele deixar de querer estudar. “Ser reconhecido pelo nome que representa minha autêntica identidade é algo imprescindível para qualquer ocasião, significa a maneira digna pela qual mereço ser tratado.”

Brandon conta que ainda não conseguiu retificar o prenome nos documentos, o direito até existe, mas na prática é bem diferente. “O que tem que ser feito é a execução de medidas jurídicas que facilitem a conversão definitiva do nome social em nome civil, a mudança efetiva na documentação, só assim teremos o devido respeito à nossa identidade”.

O processo de transição de Brandon começou bem cedo, na infância, quando para ele já estava bem claro que era um garoto por mais que seu corpo o acusasse que não. Na adolescência descobriu o que era a transsexualidade e pôde entender que não havia nada de errado com ele.

“Hoje tenho muito orgulho da minha



Fotos: Arquivo

trajetória e me orgulho por ser homem trans, de ter uma visão muito ampla das coisas e de ter uma vida enriquecida por grandes aprendizados”, ele finaliza.

Amanda Anderson Souza, 34 anos, é graduada em secretariado executivo bilíngue e em direito, possuindo cursos de especialização em gênero e diversidade. Amanda é mulher transexual heterossexual. Ela explica que nome social é como a pessoa se identifica, não desconstituindo sua personalidade jurídica e é algo que se constrói.

“Qualquer pessoa que não se sinta contemplada com seu prenome pode adotar um nome social, aquele pelo qual a sociedade te conhecerá e te nominará em todas as situações.” Por possuir uma disfunção hormonal, conhecida como ginecomastia, Amanda passou por um processo de transição não tão simples, criando as características femininas na fase da puberdade.

Na primeira graduação um de seus mestres a reprovou por afirmar que o máximo que ela merecia era estar em um ponto de prostituição (SIC). Na segunda não conseguiu finalizar pelas pressões relacionadas ao nome civil. E até chegou a ser ameaçada de morte. “Então lhes pergunto: qual heterossexual precisa passar por todas essas intempéries apenas para estudar, um direito constitucional?”, indaga.

## Cidadania

Projetos sociais ajudam jovens e crianças carentes a conhecerem um mundo fora da marginalidade urbana

# Cultura e esportes salvam jovens

Rosana Moura

Na contramão dos altos índices de criminalidade em Campo Grande, projetos sociais têm sido a saída para afastar do crime e das drogas jovens e crianças, principalmente de áreas carentes. O resultado obtido através do esporte, da música e da recreação vem atendendo a expectativa de quem se dedica ao projeto e já ajudam a mudar a vida de muitos jovens.

“É triste a realidade em que se encontra grande maioria dos menores da nossa cidade”, diz o professor Inocêncio Ramão que há 30 anos ensina futebol para meninos do Bairro Estrela do Sul. Atualmente o projeto conta com 95 alunos entre cinco e 16 anos e conta com incentivo da Fundação Municipal de Esporte (Funesp) e com a boa vontade do professor que faz toda a diferença.

Ele conta que muitos pais já vieram agradecer pelo bom comportamento dos filhos depois que começou a frequentar a escolinha. Ainda segundo ele, novos talentos já foram descobertos na equipe que se prepara para uma competição em São Paulo. O estudante Edivan Cassaro tem apenas 10 anos e já sonha com os grama-



Foto: Rosana Moura

Esperança - Jovem faz aula de música no Instituto de Desenvolvimento Evangélico

dos, já que almeja um futuro no futebol. “Eu me inspiro em grandes ídolos como Neymar e Ronaldo lutaram e tiveram incentivos no esporte”.

Na mesma região, a Associação de Moradores desenvolve o projeto Vida Plena, que oferece aulas de boxe para os jovens. O idealizador é o presidente do

bairro João Marcelo Pereira. “Vejo a situação de vulnerabilidade em que muitos se encontram, então busco ajudar da forma que posso”. No outro extremo da Capital, no Bairro Portal Caiobá existe o Instituto de Desenvolvimento Evangélico (IDE) que com o ajuda da Petrobrás, da Primeira Igreja Batista em Campo Grande e de

zação e dar consultoria do melhor local para compras, essas coisas”, conta Deyse.

Elas também pagam impostos e a cada três dias precisam fazer uma nova nota fiscal. “No começo isso nos confundia muito, isso é chato e é uma burocracia desnecessária, vencer duas ve-

zes por semana a nota, mas já acostumamos e pegamos o jeito”, alega. Todas as roupas das três vans, são de São Paulo e atendem o público feminino do PP ao extra G. As peças variam de R\$ 25 até R\$ 360.



Foto: Bruna Marques

Empreendedorismo - Sócias da boutique Delivery comemoram o sucesso



Em Foco – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XIV - nº 178 – Dezembro de 2015 - Tiragem 2.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Dr. Gildásio Mendes dos Santos

Reitor: Pe. Ricardo Carlos

Pró-reitoria de Graduação : Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

## EXPEDIENTE

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Diácono João Victor Ortiz

Pró-reitoria de Desenvolvimento: Me. Gilliano Jose Mazzetto de Castro

Pró-reitoria de Administração: Ir. Herivelton Breitenbach

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158

Revisão, edição de títulos legendas e fios: Livia Miranda, Fábio Pinheiro, Evandro Vaz, Maisse Cunha, Ana Cristina Cruz, Viviane Souza, Bruna Marques, Isabela Cavalcante, Jorge Henrique Rodrigues, Fernando Augusto, Mateus Meiralles, Rosana Moura, Pedro Augusto e Bárbara Jara.

Repórteres: Matheus Rondon, Raiane Carneiro, Viviane Souza, Ana Cristina Cruz, Livia Miranda, Rosana Moura e Evandro Vaz.

Projeto Gráfico: Designer - Maria Helena Benites

Tratamento de imagens: Maria Helena Benites

Diagramação: Jacir Alfonso Zanatta

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B, Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: ojornalismoucdb@gmail.com

## DELIVERY

# Criatividade que deu certo

Bruna Marques

As vans que andam por Campo Grande vendendo roupas e acessórios, caíram no gosto da população e são uma nova forma de ter o próprio negócio. Sem precisar pagar caro pelo aluguel de uma loja física e com investimento de até R\$ 200 mil, é possível ter um comércio móvel.

Além da van, a criatividade para poder montar uma loja dentro dela conta muito e custa caro, até R\$ 12 mil de investimento na marcenaria, mas há empreendedor que fale que, em menos de um ano, é possível ter o retorno nas vendas.

Esse é o caso da Boutique Delivery, que começou circular em 2013, em Campo Grande. Foi criada pelas irmãs Deyse Faccin Nogueira e Alexandra Faccin. Deyse é quem cuida da parte burocrática e conforme ela, o investimento foi alto, mas o retorno vale a pena. Agora, as irmãs pen-

sam em um novo projeto: vender a estilização da van e dar consultoria.

“Muitas pessoas querem saber como fazer uma loja delivery. Temos um marceneiro que abraçou a nossa ideia e fez tudo pensando nos mínimos detalhes”, afirma. Quem vende as peças e dirige a Boutique Delivery, é a Alexsandra. Ela conta que sempre trabalhou com vendas. “Pegava o carro e ia vendendo roupas, ai queríamos inovar e pensamos na van achando que tivemos uma ideia muito boa, fomos pesquisar e descobrimos que já existia em outras cidades”, ressalta.

No mesmo dia em que começaram a andar pela Capital, as pessoas paravam as irmãs para saber como tinham tido a ideia. “Até hoje muitas perguntam, querem saber com qual marceneiro fizemos o interior da van que cabe mais de 700 peças, entre roupas, acessórios e bijuterias. Com tanta gente nos perguntando, vamos vender a estili-





Amor e afeto ajudam na recuperação e salvam vidas

# Doando esperanças

Lívia Miranda

“Quando se tem um renal na família, todos sofrem e fazem o tratamento com você. A cirurgia trouxe felicidade e paz para todo mundo”. Após dizer essas palavras, Vanildo Pereira dos Santos solta um sorriso de alívio e, de mãos dadas com a esposa, Fabiana da Rocha Santos, comemora sua vida, depois da cirurgia de transplante de rim, que ele recebeu dela.

Foi uma caminhada difícil, 10 anos fazendo hemodiálise e convivendo com uma doença onde a instabilidade é diária. “Em um dia você está se sentindo ótimo e no outro você se sente péssimo. Eu vi pessoas que conviviam comigo, colegas de hemodiálise morrerem ao meu lado, outros saindo sorridentes e três minutos depois eu via a maca passando para a UTI. É um dia após o outro só tendo fé e pedindo a Deus para nos ajudar; sempre acreditei que Ele ia me ajudar”, conta Vanildo.

Quando descobriu que tinha problema nos rins e precisava fazer tratamento e cirurgia, Vanildo morava em Dourados com a mulher e os dois filhos. Ele começou lá o seu tratamento, por um ano e meio, mas devido a central de transplante se localizar em Campo Grande, ele e sua família decidiram mudar para a capital.

Após sete anos, Fabiana resolveu

fazer os exames para saber se era compatível para doar o rim ao seu marido, mesmo com as chances raras de compatibilidade, pois eles têm tipos sanguíneos diferentes, ela “A+” e ele “O”. Os exames chegaram e os dois puderam ver uma luz no fim do túnel. Fabiana era compatível e poderia ser a doadora, o que mudaria a vida do casal depois de tanta batalha.

Na mesma época, os dois ficaram sabendo que as cirurgias haviam sido suspensas pelo hospital e o sonho de realizar o transplante ficaria outra vez em espera.

“Eu nunca desisti, e quando eu fiquei sabendo este ano que as cirurgias haviam sido retomadas, após três anos de paralização, fui logo procurando fazer os exames para saber se eu continuava compatível para fazer a doação e mesmo se eu não fosse mais eu iria doar porque sempre tem alguém precisando”, comenta Fabiana.

O exame novamente dá positivo e então começa a preparação para a cirurgia. “Foram quatro meses de acompanhamento de uma equipe da Santa Casa, que nos deu um tratamento incrível e fomos tratados tão bem que tornamos uma família mesmo, até nutricionista eu tive porque precisava emagrecer pra operação. Foi dado todo suporte e apoio, nada de dificuldade o que me deixou muito tranquila também”.

No dia 21 de julho, marido e mulher entram para a sala de cirurgia e uma parte de Fabiana agora está em Vanildo, um rim que fará toda a diferença.

Ele ainda se emociona, quando lembra de quando percebeu que dali em diante teria uma vida nova. “Eu chorei quando urinei pela primeira vez, meu rim não



Amor - Fabiana da Rocha Santos doa rim ao marido e os dois comemoram o transplante

funcionava fazia uns cinco anos. Ali caiu minha ficha e não teve como eu segurar as lágrimas.”

Hoje, o casal comemora, com a felicidade estampada no rosto, com ideia de missão cumprida por vencer essa batalha e com planos para essa nova fase da família.

“Nosso primeiro plano é viajar, não conseguimos curtir umas férias faz 10 anos por causa da doença e da rotina no hospital, agora, a gente vai aproveitar e viajar com nossa família e com saúde que é o que importa. Outra coisa que vamos fazer é escrever um livro sobre esses anos de hemodiálise, produzir panfletos por conta própria, também é um projeto que queremos realizar para estimular a doação de órgãos tanto em vida quanto após

ela. As pessoas não sabem o poder de salvar vidas que está em suas mãos, uma simples doação de sangue já ajuda. Minha esposa salvou a minha e quem doa pode salvar a de alguém também”, completa Vanildo.

O casal Santos foi o primeiro a realizar o transplante que voltou após três anos de paralização. Para doação de órgãos existe duas formas: em vida que além dos exames médicos de compatibilidade, é necessário que o órgão do doador seja duplo (rim ou pulmão) tenha capacidade de reconstrução, como o fígado, ou seja um tecido cujo o transplante não cause invalidação ou morte do doador. Após ser diagnosticado com morte encefálica, qualquer cidadão pode ser doador. É só informar o desejo para sua família.

SÓ TEM UMA MANEIRA DE ENFRENTAR A DENGUE JUNTOS



Psicóloga explica como o uso da imagem feminina serve de atrativo para comercialização de bebidas alcoólicas

# Mulher se torna símbolo de venda

Raiane Carneiro

Gente bonita vende. Não é uma questão de opinião, pois vemos anúncios que exibem claramente isso, ainda mais quando se trata de mulher bonita. Gostosa então, nem se fala. Mas existe um limite delicado para ser explorado, principalmente quando se lida com a figura feminina já que também não é difícil encontrar comerciais que apelam apenas para as formas da mulher para fazer sucesso. Um segmento específico se destaca neste parâmetro e sobre isso, segue o fragmento: “3. Princípio do consumo com responsabilidade social: a publicidade não deverá induzir, de qualquer forma, ao consumo exagerado ou irresponsável. Assim, diante deste princípio, nos anúncios de bebidas alcoólicas: eventuais apelos à sensualidade não constituirão o principal conteúdo da mensagem; modelos publicitários jamais serão tratados como objeto sexual”.

Este artigo sobre propagandas de bebidas alcoólicas compõe o código do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), órgão que tem como finalidade regulamentar as campanhas veiculadas em todo o tipo de mídia, seja ela internet, rádio, TV ou ainda cartazes, outdoors e outros tipos. Em suma, o Conar, que é constituído por profissionais da área e de fora, tem a responsabilidade de avaliar o teor das campanhas que estão sendo veiculadas. Para isso, o órgão recebe as queixas que qualquer pessoa pode fazer e avalia se realmente ferem Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária.

Quando jogamos na roda as propagandas de bebidas alcoólicas, falando principalmente das cervejas, que são as campanhas que vendem um produto extremamente popular e amplamente consumido, nos perguntamos se o artigo que abriu esta matéria está sendo aplicado de forma adequada. Mesmo com a transformação da sociedade e da linguagem publicitária, certos aspectos parecem não mudar. A maioria das propagandas de bebidas alcoólicas trazem um velho conceito: colocar uma mulher bonita e com muitas curvas associada ao produto. Segundo os dados disponibilizados no site do CONAR, neste ano já são 6 casos de campanhas que receberam queixa de consumidores sobre apelo excessivo a sensualidade da mulher. Mas o que tem a ver exatamente a moça cheia de curvas com a bebida que as pessoas querem consumir?



Sensualidade -Moças exibem suas curvas para aumentar as vendas de bebidas

Utilizar as mulheres com roupas curtíssimas ou com jeitos sensuais já é um petisco batido para o público. O mais curioso é que mesmo com a mudança de mentalidade que veem acontecendo na sociedade, com tantos movimentos buscando igualdade de gênero, ainda vemos propagandas que parecem mostrar a mulher como brinde da bebida. Mas, por quê? Atuando no mercado de publicidade e propaganda há 9 anos, a redatora publicitária Ariane Moreira explica a razão de vermos com certa frequência esses comerciais. “O princípio da publicidade é que tem que ser atrativo. Então quando o [setor] criativo vai fazer uma campanha de cerveja e parte para esse lado da mulher bonita no anúncio, ele parte do que foi feito e que vinha dando certo” concluiu.

E se veio dando certo até agora, deve ser porque alguém realmente aprecia esta peça e este pode ser o “X” da questão: o chamado público-alvo. “O público-alvo é um grupo de pessoas que tem o mesmo hábito de costume e consumo e quando a gente fala de cerveja, historicamente e atualmente, uma grande parte do público é masculina” explica Ariane.

Para entender melhor por que dava certo, vamos falar sobre a cadeia que dá origem a uma campanha publicitária. O setor de criação, onde efetivamente surge a campanha, atende as necessidades do cliente, faz um levantamento de dados, referências e ideias. Em grandes empresas ainda, geralmente são feitas pesquisas com pequenos

grupos de pessoas para saber se a futura campanha vingará ou não, o que quer dizer as ideias não saem diretamente da cabeça do publicitário para os meios de comunicação. “A maioria das agências grandes, que fazem campanhas grandes para marcas grandes utilizam pesquisas” comenta a publicitária.

Isso pode ser um indicativo de que muitos homens ainda gostam de ver a mulher como parte “parte integrante do produto”, pois os publicitários se guiam pelo que mais comum na sociedade

E o consumidor que recebe esta mensagem? É necessário olhar a outra ponta desta corda. Se tem um público que gosta e consome estas propagandas, então a influência delas existem, mas não apenas para os homens. Como ficam as mulheres que recebem esta mensagem? Para Sonia Grubits, psicóloga e pesquisadora, a mídia pode sim interferir no olhar que a mulher tem sobre o corpo, mas não é a maior culpada pelo mal-estar da beleza. “Esta questão da avaliação de ‘como é que eu estou, como é que é meu corpo’ passa por questões internas e muitas vezes a preocupação que a mulher tem é muito dela com coisas que às vezes os outros nem observam e até se surpreendem quando ela apresenta esta preocupação” explica Grubits. A psicóloga ressaltava ainda que isso tem mais a ver com outros fatores como a auto estima, a forma como a pessoa se relaciona com as demais e a satisfação pessoal, porém, os padrões que ganham espaço agravam a situação de uma pessoa que está insatisfeita consigo mesma. “Isso varia de acordo com as condições indivi-

duais, sociais e culturais.” Como exemplo, Grubits explica que mesmo com uma propaganda forte e tantos tipos diferentes de cervejas, ainda existem pessoas que não bebem uma gota de álcool sequer. “Até onde vai essa interferência [da mídia]?” Por isso a pesquisadora defende que as pessoas precisam refletir sobre suas vidas e se fortalecer para enfrentar o vem de fora.

Por muito tempo, foi atribuída uma parcela grande de culpa à mídia pelos estereótipos que eram divulgados, principalmente pela propaganda, quando nos lembramos de modelos com ossos à mostra nas passarelas, mas a pesquisadora analisa que não é uma via de mão única. “Não sei onde começa e onde termina todo esse processo porque ao mesmo tempo em que a mídia expõe esta característica da beleza do corpo, a sociedade está criando isso também, a questão do culto ao corpo” diz.

Para Grubits, o essencial é que as pessoas sejam educadas para lidar com essas informações que chegam cada vez mais rápido aos consumidores. Toda pessoa que tem uma “base sólida” na infância, encontra menos obstáculos para lidar com a influência externa que nos cerca diariamente. “O pensar é muito importante” diz Grubits. De fato, a educação para as pessoas pode ser a chave para mudar a mentalidade e consequentemente os hábitos de uma sociedade e essa mudança é defendida pela publicitária também, pois segundo ela, propaganda é um reflexo da sociedade. “O publicitário não faz porque ele gosta, ele faz porque ele tem que agradar as pessoas e se essas pessoas dizem que gosta de propaganda com mulheres, então vamos caminhar um bom tempo assim.” lamenta a redatora.

Condenar pura e simplesmente os profissionais deste mercado não resolve a questão, pois eles oferecem o que está aí já que eles não podem parar de vender. A publicidade reflete o que está na sociedade então, antes de falarmos de novas linguagens para este segmento de propagandas e em todos os outros, primeiro, é necessário que a sociedade pense de outra forma.



Trabalho excessivo e o estresse do dia a dia causam problemas na saúde e é importante estar atento aos sinais

# Profissionais de comunicação devem equilibrar o trabalho com a saúde

Viviane Souza

“Estou estressado preciso de férias do trabalho”, quem nunca escutou ou disse essa frase? Pois é, o serviço seja a área que for, faz com que nós carreguemos uma preocupação muito grande dentro de nossas mentes, é o pensamento que não se desliga do trabalho ou o trabalho que não para de ligar. O estresse vivido diariamente no mercado de trabalho pode gerar diversas doenças e transtornos psíquicos se não forem cuidados corretamente.

O estresse não é uma doença, mas um estado de tensão físico, mental ou emocional em que o organismo é quem sofre. As tensões produzem efeitos colaterais e prejuízos quando as situações estressoras são continuas e interminantes. Segundo a terapeuta Camila Balbuena existe uma linha de terapia ocupacional que cuida e trabalha especialmente da saúde mental, ela conta que hoje não trabalha mais com essa demanda diretamente, mas sempre é muito procurada. “As pessoas realmente estão vivendo mais estressadas, às vezes por levarem o serviço para casa e assim não



Terapia - Ajuda profissional



Foto: Viviane Souza

Atenção - Trabalho precisa ser realizado sempre com equilíbrio e cautela diária

conseguirem descansar a mente da forma adequada”, explica Camila.

O jornalista William Franco começa a entrevista com uma definição comum na sociedade: toda profissão exige muito de você, muita dedicação e muito empenho, é o que te move na maior parte da vida e geralmente falamos que nosso trabalho é nossa segunda família. “O excesso de trabalho sem o devido cuidado pode acarretar em alguns problemas, por isso, acaba sendo comum ouvir sobre o estresse profissional”, comenta. Desde muito cedo teve que ingressar no mercado de trabalho para pagar os estudos, ele conta que na época de faculdade acordava às seis da manhã e só retornava para casa na hora de dormir depois das onze horas da noite. Passado a formação veio as propostas de trabalho, ele chegou a trabalhar em dois períodos por muitos anos até que chegou um tempo em que percebeu que algo grave estava acontecendo com a sua saúde. Ao refletir ele percebeu que precisava pensar mais nele, cuidar mais da sua saúde então escolheu apenas um emprego e começou a fazer terapia. Faz pouco mais de dois anos que William começou o tratamen-

to e hoje ele fala “agora eu saio indicando para todos meus amigos, a terapia é libertadora. Passei a pensar mais em mim e não ficar tão irritado por poucas coisas que acontecem no meu trabalho e na minha vida. Tudo o que aconteceu falo hoje com muito orgulho, afinal não são todas as pessoas que conseguem levar esse ritmo de vida por muito tempo (dois empregos) e é preciso ter uma grande vontade e perseverança para que consiga chegar onde quer, hoje estou realizando profissionalmente fazendo o que gosto sem extrapolar e cuidando da minha saúde”, conclui.

Com a publicitária Daniele Doriléo de 27 anos aconteceu algo parecido com o caso do jornalista, ela trabalha na área há quatro anos, mas conta que embora tenha pouco tempo de formação já sentiu a pressão do excesso de trabalho e viu o resultado disso em seu organismo, ela trabalha no jornal impresso da igreja Assembleia de Deus Missões como diretora de arte e conta que “muitas vezes para conseguir terminar o jornal e entregar no prazo certo ou antes da data prevista eu chegava cedo no serviço e saía tarde, co-

mer? Só no pouco tempo livre que apreciava e essa rotina pesada fez com que minha imunidade baixasse e eu tivesse um princípio de pneumonia. Só percebi que estava extrapolando quando o médico me afastou do serviço por mais de uma semana. Desde então tento não ficar viciada no trabalho e pensar mais em mim”. Doriléo ainda fala que hoje em dia tenta manter um horário certo e cuidar mais da sua saúde “eu tento evitar pensar no trabalho quando estou em casa, isso ajuda, porém chega a ser meio impossível principalmente depois de um dia corrido. Mas por fazer o que gosto é como se todo o esforço compensasse no final. Para não pensar 24 horas no trabalho procuro assistir filmes, ler livros e ir para a igreja isso me ajuda a meditar e descansar minha mente” finaliza Daniele.

Seja a profissão que for o trabalho sempre exigirá muito de cada um, resta com que nós tenhamos nossa saúde como prioridade. Temos que tentar pontuar e enxergar quando as coisas estão saindo do controle. Não perder a qualidade de vida é essencial para não adoecer tanto mentalmente quanto fisicamente, o trabalho é muito importante, já dizia o velho ditado “o trabalho dignifica o homem”.



Foto: Viviane Souza

Alerta - É preciso cuidar da saúde

Jornalismo segmentado exige do profissional um conhecimento profundo na área escolhida e a leitura diária é essencial

# Ser jornalista é ser como água

Ana Cristina Cruz

Somos acostumados a ouvir durante a faculdade de comunicação que o jornalista é o especialista das generalidades. Ali descobrimos que ser comunicador e jornalista significa ‘saber um pouco de tudo’. É encantador pensar que o mesmo profissional é capaz de fazer uma matéria relacionada a bem-estar de manhã, gastronomia a tarde, e esporte, logo depois. Mas, e quando estamos em um veículo especializado em determinado assunto, que nos cobra uma especialização a mais, sendo que temos apenas a formação superior em comunicação social?

Eu como futura jornalista, acabei me deparando com o tal jornalismo segmentado. Ou seja, um veículo que é especializado em determinado assunto, no qual 100 por cento da programação está voltada a um público específico. Eu era acostumada com a variedade do entretenimento, e de repente, tinha que produzir conteúdo para pessoas de determinado ‘nicho’, e no caso, o agronegócio.

Para mim, ainda tem sido complicado compreender a respeito de pecuária de corte, soja, boi gordo, ou até mesmo, política ruralista, e vendo meus futuros colegas de profissão, decidi escrever a respeito.

Richelieu Ribeiro, é um jornalista diplomado a pouco mais de sete anos, trabalha no sistema brasileiro do agronegócio a dois, e quando relata a forma com a qual lida com os conteúdos produzidos, diz ter sofrido várias dificuldades no início do cargo. Não era acostumado com o ramo, e para conseguir sobressair-se, teve que conversar muito com os colegas da área, ler, e aprofundar-se naquilo que era voltado para o meio rural.



Foto: Ana Cristina Cruz

Adaptação - Para conseguir sobressair-se no mercado, o diálogo e a leitura foram essenciais



Foto: Ana Cristina Cruz

Leitura - Renata estuda todos os dias para crescer no jornalismo de agronegócios

‘Penso que uma das maiores dificuldades é conseguir fazer várias matérias, com abordagens diferentes, acerca da mesma pauta.’

Já Adriano Idival, trabalha na comunicação voltada ao público do campo, desde a juventude. Jamais esteve em outra área do jornalismo. “A única coisa mais diferente que já fiz, se é que pode ser considerado diferente, foi um programa de rádio, com músicas sertaneja [risos]. Mas mesmo assim, me sentia no campo”. Ainda de acordo com Adriano, a

maior dificuldade é possuir a linguagem própria do público, pois como estão em um meio específico, precisam dominar tudo a respeito, e muitas vezes, a técnica jornalística, não consegue atingir o agricultor, devido a linguagem própria do telespectador.

Renata Ferreira, possui mais de dez anos de profissão, já trabalhou para veículos como Correio do estado e Folha do Povo, e pela primeira vez está

trabalhando no chamado ‘jornalismo segmentado’. ‘Estou a três meses nesse veículo, e apesar de ser pouco tempo, já cresci e amadureci muito. Estudo e leio várias coisas no dia com relação ao agronegócio. É como se eu fosse uma especialista da área.’

A jornalista inclusive pensa em fazer especializações na área do agronegócio. Ela diz que nunca havia pensado no assunto, porém está encantada com a riqueza desse tipo de comunicação.

Aqui, podemos voltar àquilo que aprendemos lá nos primeiros anos do curso... Que é a formação integral do jornalista. Muitos estudiosos defendem que além de comunicador, é importante para o profissional voltar ao estudo, estar sempre atento, e em busca de formações, inclusive especializar-se em outras áreas do conhecimento.

Para poder acompanhar os colegas, Renata se tornou assinante de uma revista somente voltada ao meio rural, além de estar sempre trocando experiências e procurando os termos voltados a área. Ela relata ter ganho um ânimo, e acha bacana o jornalista estar sempre muito inserido no assunto, para falar com o entrevistado, com os colegas, e principalmente com o espectador.” O desafio para esses profissionais é diário, pois para conseguir dominar as matérias, e conseguir ao menos conversar com as fontes, é importante se tornar, literalmente, um especialista da área.



Foto: Ana Cristina Cruz

Experiência - Adriano sempre trabalhou com comunicação de olho no campo